



Um trabalho de recomposição de uma narrativa

Elisabete Marin Ribas¹ (USP)

Resumo:

Os arquivos literários são o espaço onde muitas vezes algumas das mais interessantes ideias dos escritores estão adormecidas, à espera de serem recuperadas. Dentre anotações, livros, fotos, trechos sublinhados, recortes de jornais selecionados por um motivo especial, cadernos inacabados, encontramos um mundo no qual o escritor gestou sua obra. Olhar para esses pedaços e localizá-los em sua obra é uma tarefa árdua, mas que traz respostas prazerosas. O presente ensaio relata tal processo, que tal qual o jogo do quebra-cabeça, buscou peças e ao final, conseguiu completar mais uma imagem das tantas desenhadas por Osman Lins, em sua vida e em sua obra.

Palavras-chave: Osman Lins, Arquivo literário, Memória.

Abstract:

Literary archives are spaces where many times some of the writer's most interesting idea are sleeping, waiting to be retrieved. Among notes, books, photographs, underlined excerpts, specially selected clippings and unfinished notebooks we can find the world from which the writer constructed his work. To look to these pieces and identify their connection to the work is a difficult task full of compensatory answers. The present essay is a testimony of this process of assembling a puzzle, as it achieved to complete one more image of Osman Lins' life and work.

Keywords: Osman Lins, Literary archives, Memory.

Osman Lins (1924-1978), escritor brasileiro pernambucano, escolheu dedicar sua vida à Literatura. Seu projeto literário mescla-se com sua biografia, posto que muitos dos acontecimentos que marcaram sua história pessoal surgem (e ressurgem) em sua obra de maneira significativa. Um deles – e talvez o mais importante – foi a perda da mãe, logo após

seu nascimento. O próprio escritor fala sobre isso em alguns depoimentos, como em uma entrevista concedida em 1976:

O traço fundamental da minha vida é que, dezesseis dias depois que nasci, perdi minha mãe. Fui criado pela minha avó, por outros parentes... Minha mãe não deixou fotografia, de modo que eu fiquei com essa espécie de claro atrás de mim. Dizem que ela se parecia com uma das minhas filhas, não sei. Mas esse negócio acho que me marcou bastante. Já tive oportunidade de dizer que isso configura a minha vida como escritor, pois parece que o trabalho do escritor, metaforicamente, seria construir com a imaginação um rosto que não existe. Isso talvez tenha me conduzido a suprir de algum modo, através da imaginação, essa ausência. Não digo que tenha sido traumatizado, mas tenho a impressão que a coisa me marcou. Em consequência dessa morte, passei minha infância praticamente sozinho. (LINS, 1979, p. 211).¹

Talvez fosse válido dizer que a ausência da mãe deu a Osman Lins a responsabilidade de uma vida que não podia ser desperdiçada, pois, segundo o próprio autor, ela morreria para que ele pudesse nascer. Tal fato acentuou nele um traço artístico específico, isto é, buscar “construir com a imaginação um rosto que não existe”. Nesse escritor cuja vida subordinou-se ao trabalho literário – afinal, pela Literatura mudou-se, realizou viagens de estudos e absteve-se de luxos pessoais –, a morte da mãe e a busca por sua imagem imiscuem-se marcadamente na sua ficção.

Um exemplo disso está no conto “O vitral”² do livro *Os gestos* (1957), que, segundo a fortuna crítica osmanaiana, se enquadra na primeira fase da obra do escritor. Na narrativa, a protagonista, Matilde, vive a ilusão de que o registro fotográfico de um passeio com o esposo poderá aprisionar, em imagens, a alegria daquele momento festivo: “Acreditava que este haveria de apreender seu júbilo” (LINS, 1994b, p. 82).

Entretanto, o desenrolar do conto a faz perceber a natureza efêmera do sentimento da alegria, quando consegue compará-lo ao colorido retido da exposição de um vitral ao sol:

Ela apertou o braço do marido e sorriu, ao sentir que um júbilo quase angustioso jorrava de seu íntimo. Compreendera que tudo aquilo era inapreensível: enganara-se ou subestimara o instante ao julgar que poderia guardá-lo. “Que esse momento me possua, me ilumine e desapareça”, pensava. “Eu o vivi. Eu o estou vivendo”. (LINS, 1994b, p. 83)

1 Entrevista concedida por Osman Lins a Astolfo Araújo, Hamilton Trevisan, Gilberto Mansur e Wladyr Nader, publicada originalmente na Revista *ESCRITA*, ano II, n. 13, 1976.

2 O conto foi analisado em Ribas (2004).

Quase dez anos mais tarde, Osman Lins retomará o tema da ausência da mãe em *Nove, novena* (de 1966), livro que vem inaugurar uma segunda etapa de sua obra, denominada pelo próprio autor como sua fase madura. No conto “Perdidos e achados”, uma passagem vem remeter ao dilema da construção da imagem, adaptado, à sua maneira, ao contexto³ da narrativa:

Depois, meu irmão passa a exigir que eu faça nosso pai visível para ele e, com o tempo, suas perguntas vão adquirindo um caráter pouco indagador; mais afirmativo; em seu interior gerou uma figura nascida quem sabe de que moldes; e ao passo que finge interrogar, instila em minha memória sua versão do morto. [...] (LINS, 1994a, p. 186)

Essa primeira contextualização do problema abre caminho para a apresentação do arquivo pessoal de Osman Lins, hoje salvaguardado em duas instituições brasileiras: a Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro – Brasil) e o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (São Paulo – Brasil). Em ambas incorporações, a doação foi conduzida pela viúva do autor, a também escritora Julieta de Godoy Ladeira. A hipótese da dupla localização gira em torno da ideia de um propósito de potencializar a divulgação da obra osmaniana, intenção que daria continuidade aos esforços quase incansáveis do escritor em vida. Como resultado a documentação acha-se fragmentada entre originais e cópias, obrigando a cotejos pelos pesquisadores osmanianos entre as instituições de salvaguarda.

No conjunto documental depositado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), destaca-se um conjunto de fitas K7, das quais uma nos chamou especial atenção. Com duração de quase quatro minutos, a fita traz a inscrição manuscrita “Fala da mãe” e guarda a voz de Osman Lins narrando o que se julgou, inicialmente, ser depoimento do escritor, no qual trataria novamente da figura da mãe:

Entrevistas ou confissões concedidas a Edla [interrupção da fita]. Estou gravando deitado com a saúde abalada por uma série de problemas de modo que a minha voz não deve ... não deve estar das mais nítidas; em todo caso faremos um esforço. [interrupção da fita] Pergunta um: [interrupção da fita] Essa minha confissão sobre o desaparecimento da

³ O posfácio da edição de *Nove, novena* traz preciso resumo do trecho feito por José Paulo Paes, também escritor e amigo de Osman Lins: “[...] gira em torno de um pai a procurar baldadamente o filho que se extravaiu dele numa praia de Recife e que ali morre afogado sem o pai chegar a ver-lhe o corpo” (LINS, 1994a, p. 206).

minha mãe quando eu era ainda uma criança de dezesseis dias, não tem sido muito bem compreendida às vezes. [interrupção da fita] O fato é que eu não perdi apenas a minha mãe com dezesseis dias e que ela morreu quando eu não tinha ainda nenhuma consciência das coisas [interrupção da fita] e não deixou absolutamente nenhuma fotografia. [interrupção da fita] Constava que havia uma das suas, havia uma fotografia sua em um grupo de primeira comunhão ... eu andei boa parte da minha vida atrás dessa fotografia. O assunto, aliás, foi tematizado num dos meus contos em *Nove, Novena*, "Perdidos e achados", naturalmente com uma série de modificações. [interrupção da fita] O que eu quero dizer não é que escrever seja uma tentativa de reconstruir imaginariamente o rosto materno, mas um rosto que não existe, um rosto imaginário. [interrupção da fita] Falo em termos metafóricos e isto explica que esta reconstrução, no meu caso, não seja feita através de personagens femininos ou masculinos. [interrupção da fita] Na realidade o que eu quero dizer é isso: que o ficcionista tenta reconstruir algo cujo contorno ele pressente, [interrupção da fita] apenas pressente e que a obra realiza [interrupção da fita]. Agora, a título de curiosidade, para estimular um pouco a imaginação dos que nos leem, quando minha mãe morreu, tinha 20, 21 anos por aí assim. Hoje eu tenho 53, ela teria 70 e poucos anos. No entanto curiosamente, em minha imaginação ela continua a ter aproximadamente a idade com que faleceu. Assim de certa maneira, hoje a minha mãe é muito mais jovem do que eu.

A fita que comportaria mais de 60 minutos de gravação, conta apenas com esse breve trecho. Com forte teor emocional, o início da fala do escritor apresenta a palavra "confissões", não de forma accidental.⁴ Pressupõe-se que Osman Lins, de forma consciente ou inconsciente, sentindo a perda das forças vitais causada por sua enfermidade, busca no que se configuraria um último ritual confessar seus sentimentos antes de partir – o que, na fé cristã, seria chamado de **sacramento da unção dos enfermos**. Entretanto, no caso do escritor, esse ritual viria marcar seu pacto definitivo do escritor com a Literatura, atuante até os últimos momentos de sua vida (e, conseqüentemente, de sua produção literária).

Os momentos de interrupções da fita foram mantidos na transcrição, pois acredita-se que eles são evidências da fragilidade de saúde de Osman Lins. Nossa primeira hipótese, confirmada posteriormente, foi associar a doença citada ao câncer que levou o autor ao falecimento. Relatos de familiares e amigos que o acompanharam, e outros documentos deixados por Osman Lins em seu arquivo,⁵ indicam ainda que o escritor lutou até os últimos momentos contra a doença, não sabendo o tamanho do mal que o acometia.

4 No contexto da religião católica, a confissão ocupa um dos *status* sacramentais – como a comunhão, o matrimônio, o batismo – e é por meio dela que o fiel expõe seus erros e más condutas, de forma reservada e individual ao sacerdote, único representante de Deus que pode absolver os pecados cometidos pelos cristãos, na Terra.

5 Aqui destaca-se o chamado "Diário da doença", sob o código: OL-VDF-0098 (IEB-USP).

A gravação, portanto, ganha ares de um último registro em vida e assinala uma vez mais a marca deixada pela ausência da imagem materna, dramatizando a busca pela fotografia da mãe. Lendo Bourdieu, Miriam Lifchitz Moreira Leite (2010, p. 35) enfatizará o papel do álbum de família como “um monumento funerário frequentado assiduamente”; Osman Lins, muito menos que um compêndio de fotos, persegue apenas uma única imagem fotográfica que lhe ofereça o rosto da mãe. Em outras palavras, o escritor não consegue cumprir um luto necessário, diante da falta de um referencial de rosto. A fotografia, que teria a função de um monumento funerário, não existe, e o que seria um ritual de passagem não se completa. Por isso, a angústia que o toma por toda sua vida não cessa nunca, impregnando seu cotidiano a ponto de influenciar o próprio projeto literário. O depoimento reafirma o fantasma criado pelo “silêncio” da imagem, e o que tinha tom autobiográfico, escorrega para a ficção.⁶ Nosso escritor não consegue evitar o diálogo com os leitores,⁷ e convida-os que o leem (em nosso caso, aos que o escutam), a fazerem um exercício de imaginação. Retomemos:

Agora, a título de curiosidade para estimular um pouco a imaginação dos que nos leem, quando minha mãe morreu, tinha 20, 21 anos por aí assim. Hoje eu tenho 53 ela teria 70 e poucos anos. No entanto curiosamente, em minha imaginação ela continua a ter aproximadamente a idade com que faleceu. Assim de certa maneira, hoje a minha mãe é muito mais jovem do que eu.

É ainda Leite (2010, p. 36), citando Proust, quem circunscreve a natureza do fenômeno: “o tempo que altera as pessoas não modifica a imagem que guardamos delas [...] pois a memória, ao introduzir o passado no presente, suprime exatamente essa grande dimensão do tempo, de acordo com a qual a vida se realiza”. Em outras palavras, como aponta Leite (2010, p. 36), agora recorrendo a Bachelard, o que ocorre é que “a memória e a imaginação não admitem dissociação”. E é com esse exercício de imaginação que Osman Lins encerra sua reflexão.

6 Essa ambiguidade entre relato e criação literária também está presente em seu livro *Marinheiro de primeira viagem*. Um exemplo de descrição que passa para a ficção encontra-se na cena em que o protagonista da história, durante a visita ao museu, entrega-se à imaginação de penetrar no quadro do pintor Uccello: “[...] A Batalha, de Uccello, com seus potentes e oníricos cavalos. Monta num cavalo azul, atravessa as salas, compassadamente. Madonas seguem-no [...]” (LINS, 1963, p. 87).

7 Tal característica de Osman Lins, como professor de Literatura, é apontada em Ribas (2011, p. 44).

Voltemos ao início da fita. A referência a um nome – “Edla” – vem compor uma peça fundamental do quebra-cabeça. Em verdade, descobriremos tratar-se de Edla van Steen, autora do livro *Viver & escrever*, série de três volumes cujo primeiro traz uma “entrevista” com Osman Lins. Na “Apresentação” da obra, uma surpresa: a autora esclarece a metodologia de coleta das entrevistas que tinham como objetos escritores e escritoras brasileiros:

[...] Em geral, as perguntas foram elaboradas a partir da leitura da obra, de pesquisas em jornais e revistas. O processo para realizá-las variou conforme a circunstância e a preferência dos autores. Alguns responderam-me os questionários por escrito, outros oralmente.

Um caso especial: Osman Lins. (STEEN, 1981, p. 9, grifos meus)

Qual seria a especificidade da entrevista de Osman Lins? É a própria autora que responde:

Entro no quarto onde Osman está deitado, doente; veste um robe de seda e traz um cobertor aos pés. Eu me impressiono com a sua cor, uma palidez quase verde. Os olhos afundados nas órbitas. “Que tal estou, muito abatido?” – a angústia transmitida na primeira frase. “Não acho, não” – minto. Ele me olha profundamente, sem agressividade, mas com a ironia habitual: “As mulheres são sempre mentirosas”. (Tínhamos combinado por telefone que eu deixaria as perguntas, um gravador, as fitas e ele daria a entrevista quando tivesse disposição.) Tento despistar, enquanto bebo o café que Julieta⁸ me dá. Trato então de entregar-lhe o questionário (por dentro, meu coração bate descompassado). Ele me pede que leia as perguntas em voz alta: “Só agora percebo que é preciso ter saúde até para ler. Ando tão cansado”.

Dias após telefonei: Osman tinha começado a gravação. Senti um leve entusiasmo na voz.

De repente, Osman tem que ser internado no Hospital Albert Einstein. Visitei-o duas vezes [...]. As noites de vigília eram visíveis no rosto de Julieta. Cada hora, cada dia de vida, apesar do sofrimento, significavam um alívio para ela, porque ainda estava perto do marido. E, àquela altura, era o suficiente. “Preciso ficar bom logo, Julieta, para acabar a entrevista”. (STEEN, 1981, p. 9-10)

Infelizmente, a doença venceu e, apesar da força de vontade de Osman Lins, ele veio a falecer em 8 de julho de 1978, deixando inacabados um romance⁹ e a entrevista à Edla van

8 Referência à esposa do escritor, Julieta Godoy Ladeira.

9 O romance receberia o nome de *A cabeça levada em triunfo*. Seu manuscrito encontra-se no Fundo do escritor, no Arquivo IEB-USP.

Steen. Entretanto, a incansável Julieta, uma semana após a morte do marido, entrega à Edla a entrevista que figurará no livro, explicando em depoimento anexo o modo de sua composição:

Edla van Steen apareceu num sábado à tarde com diversas perguntas, um gravador, duas fitas. Meados de junho. Osman Lins, embora já bastante mal, dissera-me para marcar a entrevista que vinha sendo adiada há vários dias. Resolvera participar deste livro, apesar do esforço que isso significaria para alguém em seu estado de saúde. Mais uma vez colocava em primeiro plano a literatura, a participação.

Gravou a primeira resposta. Não houve tempo para gravar a segunda nem as demais. E depois, em julho, ao voltar só para casa, num mundo sem Osman Lins, não encontrei essa gravação em parte alguma. Queria ouvir a resposta, queria ouvir sua voz. Não foi possível. Ali estavam o gravador, as perguntas, a outra fita intacta. A fita gravada desaparecera. Esses mistérios. Então, aceitando a solicitação de Edla, armei a entrevista com respostas dadas por Osman Lins a diversos jornais e revistas nos últimos anos. Examinando seu arquivo, consegui fazer isso. (STEEN, 1981, p. 10)

Esses trechos precisaram ser transcritos em sua integridade, pois é a junção deles com a fita guardada no Arquivo de Osman Lins que resolvem o mistério de seu conteúdo. Mais de vinte anos separam a publicação de Edla e a transcrição da fita, e a resposta para o enigma só foi descoberta pela soma do texto da fita e da minha leitura do livro, em meados de 2008. A fita não está mais desaparecida e o breve relato de Osman Lins traz, nas palavras expressadas com dificuldade pelo enfermo depoente, a condensação de grande parte daquilo que permeou sua vida e, por consequência, sua obra. Palavras condensadas,¹⁰ escolhidas por alguém que precisa se expressar ao máximo usando o mínimo de energia que lhe era disponível. Tudo isso dá uma marca incisiva e tocante ao testemunho.

Aos pesquisadores dos arquivos literários, fica o convite para que, como arqueólogos do papel, somem-se ao número daqueles que se dispõem a desbravar e garimpar informações, trazendo à luz uma história adormecida que abre novas perspectivas de estudos. No caso aqui descrito, é inevitável o paralelo com a imagem do vitral, tão cara a Osman Lins. Seu pequeno relato-vitral responde à luz que perpassa sua documentação quando da abertura de seu arquivo. Este, assim como a obra osmaniana, transveste-se de um novo tom, que vem enriquecer a palheta já multicolorida de sua fortuna crítica.

¹⁰ José Paulo Paes, no já citado posfácio da edição de *Nove, novena*, lembraria a expressão “Micromegas” de Voltaire, e a aplicaria às narrativas do escritor pernambucano.

Referências bibliográficas

LEITE, M. L. M. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, E. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec; Senac, 2010. p. 33-8.

LINS, O. *Marinheiro de primeira viagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

_____. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1977.

_____. *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

_____. *Nove, novena: narrativas*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994a.

_____. *Os gestos*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994b.

PAES, J. P. Palavra feita vida – posfácio de *Nove, novena*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 201-211.

RIBAS, E. M. et al. *Marinheiros de primeira leitura*. São Paulo: Hucitec, 2004.

RIBAS, E. M. *Giz, caneta e pincel: literatura e história da arte nas aulas do professor Osman Lins*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-26062012-164222/pt-br.php>>.

STEEN, E. van. *Viver & escrever*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

¹ Elisabete Marin RIBAS, Mestre
Universidade de São Paulo
elisabeteribas@gmail.com